



CATEQUESE
Praça São Pedro – Vaticano
Quarta-feira, 19 de fevereiro de 2014

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Através dos Sacramentos da Iniciação Cristã, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, o homem recebe a Vida nova em Cristo. Agora, todos sabemos disso, nós levamos essa Vida “em vasos de barro” (2 Cor 4, 7), ainda estamos sujeitos à tentação, ao sofrimento, à morte e, por causa do pecado, podemos até mesmo perder a nova Vida. Por isso o Senhor Jesus quis que a Igreja continuasse a Sua obra de salvação também através dos próprios membros, em particular o Sacramento da Reconciliação e o da Unção dos Enfermos, que podem ser unidos sob o nome de “Sacramentos da cura”. O Sacramento da Reconciliação é um Sacramento de cura. Quando eu vou confessar-me é para curar-me, curar a minha alma, curar o coração e algo que fiz e não foi bom. O ícone bíblico que exprime melhor, esta profunda ligação, é o episódio do perdão e da cura do paralisado, onde o Senhor Jesus se revela ao mesmo tempo médico das almas e dos corpos (cfr Mc 2,1-12 // Mt 9,1-8; Lc 5,17-26).

1. O Sacramento da Penitência e da Reconciliação surge diretamente do Mistério Pascal. De facto, na própria noite de Páscoa, o Senhor aparece aos discípulos, fechados no Cenáculo, e depois de lhes ter dirigido a saudação “A paz esteja convosco”, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados” (Jo 20,21-23). Esta passagem revela-nos a dinâmica mais profunda que está contida neste Sacramento. Antes de tudo, o facto de que o perdão dos nossos pecados não é algo que podemos dar a nós mesmos. Eu não posso dizer: perdoo os meus pecados. O perdão pede-se, pede-se a uma outra pessoa e na Confissão pedimos o perdão a Jesus. O perdão não é fruto dos nossos esforços, mas é um

presente, é um dom do Espírito Santo, que nos enche com a misericórdia e a graça que surge incessantemente do coração aberto de Cristo Crucificado e Ressuscitado. Em segundo lugar, recorda-nos que somente se nos deixamos reconciliar no Senhor Jesus com o Pai e com os irmãos podemos estar verdadeiramente em paz. E todos sentimos isso no coração quando vamos confessar-nos, com um peso na alma, um pouco de tristeza; e quando recebemos o perdão de Jesus ficamos em paz, com aquela paz da alma tão bela que somente Jesus nos pode dar, somente Ele.

2. Com o tempo, a celebração deste Sacramento passou de uma forma pública – porque no início fazia-se publicamente – àquela pessoal, à forma reservada da Confissão. Isto, porém, não deve fazer perder a matriz eclesial, que constitui o contexto vital. De facto, é a comunidade cristã o lugar no qual se torna presente o Espírito, o qual renova os corações no amor de Deus e faz de todos os irmãos uma só coisa, em Cristo Jesus. Eis então porque não basta pedir perdão ao Senhor na própria mente e no próprio coração, mas é necessário confessar humildemente e com confiança os próprios pecados ao ministro da Igreja. Na celebração deste Sacramento, o sacerdote não representa somente Deus, mas toda a comunidade, que se reconhece na fragilidade de cada um dos seus membros, que escuta comovida o seu arrependimento, que se reconcilia com ele, que o encoraja e o acompanha no caminho de conversão e no amadurecimento cristão. Alguém pode dizer: eu confesso-me a Deus. Sim, podes dizer a Deus “perdoame”, e dizer os teus pecados, mas os nossos pecados são também contra os irmãos, contra a Igreja. Por isto é necessário pedir perdão à Igreja, aos irmãos, na pessoa do sacerdote. “Mas, padre, eu tenho vergonha...”. Também a vergonha é boa, é saudável ter um pouco de vergonha, porque envergonhar-se é saudável. Quando uma pessoa não tem vergonha, no meu país dizemos que é um “sem vergonha”: um “sin verguenza”. Mas também a vergonha faz bem, porque nos faz mais humildes e o sacerdote recebe com amor e com ternura esta confissão e em nome de Deus perdoa. Também, do ponto de vista humano, para desabafar, é bom falar com o irmão e dizer ao sacerdote estas coisas, que são tão pesadas no meu coração. E alguém sente que desabafa diante de Deus, com a Igreja, com o irmão. Não ter medo da Confissão! Alguém, quando está na fila para confessar-se, sente todas estas coisas, também a vergonha, mas depois quando termina a Confissão sai livre, grande, belo, perdoado, purificado, feliz. É este o bonito da Confissão! Eu

gostaria de perguntar-vos – mas não digam em voz alta, cada um responda no seu coração – quando foi a última vez que te confessaste? Cada um pense... Dois dias, duas semanas, dois anos, vinte anos, quarenta anos? Cada um faça as contas, mas cada um pergunte a si mesmo: quando foi a última vez que eu me confessei? E se passou muito tempo, não percas mais um dia, vai, que o sacerdote é bom. É Jesus que lá está, e Jesus é o melhor dos sacerdotes, Jesus recebe-te, recebe-te com tanto amor. Sê corajoso e vai à Confissão!

3. Queridos amigos, celebrar o Sacramento da Reconciliação significa ser envolvido num abraço caloroso: é o abraço da infinita misericórdia do Pai. Recordemos aquela bela, bela parábola do filho que foi embora de sua casa com o seu dinheiro da herança; gastou todo o dinheiro e depois quando não tinha mais nada decidiu voltar para casa, não como filho, mas como servo. Tanta culpa tinha em seu coração e tanta vergonha. A surpresa foi que quando começou a falar, a pedir perdão, o pai não o deixou falar, abraçou-o, beijou-o e fez festa. Mas eu digo-vos: cada vez que nós nos confessamos, Deus nos abraça, Deus faz festa! Vamos adiante neste caminho. Que Deus vos abençoe!